

# DA (RE)EXISTÊNCIA À ESCREVIVÊNCIA DA MULHER NEGRA: POESIA SLAM COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

FROM (RE)EXISTENCE TO THE BLACK WOMAN'S LIVATURE: SLAM POETRY  
AS A FORM OF RESISTANCE

Carolina Marinho Marcílio<sup>1</sup>

Elisamar Pereira Martins<sup>2</sup>

Maria Cristina Giorgi<sup>3</sup>

Luciana de Mesquita Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista o crescente aumento do racismo a partir do início do atual governo, como pesquisadoras, entendemos ter o dever ético-político de trazer essa discussão para o âmbito acadêmico. Neste artigo, articulando Estudos Literários e Estudos da Linguagem, propomos uma reflexão sobre escrituras de poetisas negras contemporâneas, com o objetivo de iluminar o debate sobre a linguagem como forma de controle, apagamento, deslegitimação, mas também de legitimação de vozes negras na literatura, assim como na sociedade brasileira. Para tal, abordamos a poesia slam - que dá um novo significado às palavras e às vidas dessas mulheres negras - por meio de uma análise do poema “Na ponta do abismo”, de Carol Dall Farra, publicada no livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte.

<sup>1</sup> Mestranda em Relações Étnico-Raciais no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6141-2760>. E-mail: [jornalista.cmarinho@gmail.com](mailto:jornalista.cmarinho@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda em Relações Étnico-Raciais no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1776-4360>. E-mail: [helisafollow@gmail.com](mailto:helisafollow@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2 – Brasil. Professora Titular do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5347-6115>. E-mail: [cristinagiorgi@gmail.com](mailto:cristinagiorgi@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil, com período sanduíche em University of Massachusetts Amherst - Estados Unidos da América. Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5239-8079>. E-mail: [luciana.cefetrj@gmail.com](mailto:luciana.cefetrj@gmail.com).

**PALAVRAS-CHAVE:** escrevivência; mulher negra; poesia slam; linguagem-intervenção; “Na ponta do abismo”.

**ABSTRACT:** In view of the growing increase in racism since the beginning of the current government, as researchers, we understand that we have an ethical-political duty to bring this discussion to the academic level. In this article, articulating Literary Studies and Language Studies, we propose a reflection on the livatures of contemporary Black women poets, with the aim of illuminating the debate on language as a way of controlling, erasing, delegitimizing, but also a way of legitimizing Black voices in literature as well as in Brazilian society. To this end, we approach slam poetry - which gives a new meaning to the words and lives of these Black women - through an analysis of the poem “Na ponta do abismo”, by Carol Dall Farra, published in the book *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organized by Mel Duarte.

**KEYWORDS:** livature; Black woman; slam poetry; language-intervention; “Na ponta do abismo”.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, motivadas pelos retrocessos no que tange às questões de gênero e étnico-raciais com o início do desgoverno iniciado em 2019, propomos uma reflexão sobre práticas de linguagem contemporâneas que vêm se constituindo como movimento de resistência e (re)existência de mulheres a partir de seus discursos, que invertem uma lógica colonial, ainda vigente, baseada na supremacia do homem branco heterossexual. Com o objetivo dar luz ao debate sobre a linguagem como forma de controle, apagamento e (des)legitimação de vozes negras na literatura nacional, nosso objeto de análise é o gênero poesia slam, uma categoria literária de poemas, orais e escritos, que rompem com as métricas mais tradicionais da organização poética, sendo a interpretação, a corporeidade e a oralidade seus elementos fundamentais.

Nesse sentido, optamos por analisar o poema slam “Na ponta do abismo” pelo fato de a poetisa Carol Dall Farra pertencer a coletivos de slam representativos no cenário brasileiro. A autora, nascida em Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, é estudante de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atua como poeta, rapper e

integra os coletivos de slam *Slam das Minas* e *Poetas Favelados*, que fazem intervenções artísticas em espaços públicos da cidade. Desde os 15 anos, Dall Farra utiliza a música e a poesia para abordar a discriminação de raça, gênero e classe, uma realidade que atravessa o contexto de muitas mulheres negras.

A obra *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), coletânea em que “Na ponta do abismo” está presente, foi organizada pela poetisa slammer Mel Duarte e reúne 15 poemas de artistas mulheres de todo o país (negras, brancas, periféricas, representantes do movimento LGBT, artistas de rua e feministas). Com prefácio de Conceição Evaristo, em seu texto de apresentação a autora se coloca na condição de leitora e se conecta com as narrativas dessas escritoras. Além disso, no decorrer do texto, Evaristo apresenta cada poetisa, destacando características estilísticas da escrita de cada uma delas. A autora também ressalta que a poesia slam é uma possibilidade de (re)escrever e (re)significar a língua portuguesa, valorizando variantes linguísticas que foram marginalizadas no curso da história. Desse modo, Evaristo classifica versos e rimas das poesias em questão como representativas de uma “gramática do cotidiano”, a partir da qual são vocalizadas opressões sofridas pelas minorias na sociedade brasileira.

Como pesquisadoras das áreas de Educação, Estudos da Linguagem, Comunicação e Estudos Literários, entendemos que focar nossas análises na poesia slam aporta diversas contribuições para nossas áreas de atuação e conhecimento, que, além de fazer circular saberes sobre a questão étnico-racial no âmbito acadêmico-científico, possam fomentar práticas sociais livres de discriminação e contribuir para um engajamento social em lutas por equidade entre os distintos grupos étnico-raciais. Principalmente tendo em vista o quadro atual de agravamento de desigualdades e do poder gerado pela supremacia branca, hétero, masculina propalada e defendida explicitamente pelo presidente do Brasil são necessárias vozes de resistência que coloquem em questão a ordem estabelecida.

Para tal, recorrendo aos conceitos de gênero de discurso de Bakhtin (1929; 1979), à compressão do poder de intervenção da linguagem (ROCHA, 2006; 2014) e, principalmente, à ideia de luta pela significação das palavras (ROCHA, 2020, no prelo), oferecemos análise de um gênero que têm como uma de suas características a denúncia à opressão e, em nosso caso, uma denúncia à opressão racial, social e de gênero sofrida por mulheres negras. Para complementar nossas fundamentações, discorremos sobre as noções de autores como Cuti (2010) e Guatarri (1992), e outros que investigam as atitudes responsivas desses grupos marginalizados. No caso das autoras negras, suas produções literárias contestam os silenciamentos impostos e promovem diálogos antirracistas e afirmativos através de suas escrituras (EVARISTO, 2019).

Com isso posto, o artigo está estruturado em seções para o melhor entendimento do leitor. Na primeira parte apresentamos a introdução como um panorama do contexto em que está inserida a autora e a obra que será analisada. Na segunda parte, tratamos da linguagem e a sua potência de intervenção sobre o mundo e seus indivíduos e abordamos como mulheres negras são produtoras de literatura, ou melhor, de escrituras, na medida em que narram experiências de suas lutas e tensões sociais. Na terceira parte, apresentamos uma análise discursiva de “Na ponta do abismo” para, em seguida, finalizarmos com nossas considerações finais.

## **2 POESIA SLAM COMO ESPAÇO PARA ESCRITURAS DE INTERVENÇÃO: (RES)SIGNIFICANDO MULHERES NEGRAS**

Apesar de sermos profissionais que atuam em áreas diversas, temos em comum o entendimento de que a linguagem é um modo de intervir no mundo e não apenas uma mera representação do mesmo e nos alinhamos à compreensão de linguagem-intervenção (ROCHA, 2006; 2014), conforme a qual os discursos

constroem o que se chama realidade, em lugar de somente representá-la. Como afirma Rocha (2014), os enunciados “só representam o mundo no sentido de produzirem uma certa versão desse mundo, ou seja, de intervirem nesse mundo” (ROCHA, 2014, p. 625). Sendo assim, cada construção literária produzida por mulheres negras apresenta marcas de lutas e tensões, como também marcas de resistência, que dialogam com suas visões de mundo. Do mesmo modo, as temáticas que atravessam essas obras são materiais que propiciam debates ligados ao campo dos Estudos Literários vinculados a questões raciais, apagamentos e silenciamentos, que também fogem aos temas mais recorrentes na nossa literatura.

Além disso, o simples fato de esses discursos serem enunciados por mulheres negras, subverte, por si só, uma ordem que nos foi imposta, disfarçada de única possível. Portanto, se, ainda hoje em um Brasil constituído por uma sociedade numericamente mais negra do que branca, insiste-se em manter um discurso colonial que considera o branco, homem, hétero um ser superior como princípio, é de fundamental importância promover discursos de poetas slammers negras como modo de inverter a ordem à qual nos acostumaram. É possibilitar novas significações das palavras, agora enunciadas por essas mulheres. É contribuir para a luta por essas novas significações.

Assim, considerando o contexto de embates nas nossas relações, cabe recordar que, além da colonização de corpos, são colonizadas mentes, pensamentos, palavras, por meio de uma ordenação discursiva advinda dessa lógica colonial, que atualiza diariamente a transposição desses corpos e sujeitos africanos para as colônias e o controle que transcende os corpos. Estabelecemos, portanto, um diálogo com Foucault, para quem o controle sobre os discursos tem função coercitiva e restritiva, uma vez que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Conforme o filósofo (1996), resultante dessas interdições, a linguagem funciona como dispositivo regularizador das verdades sutis, cotidianas, pouco perceptíveis, mas que potencialmente molda e condiciona os sujeitos. Logo, a subjetividade do negro é atravessada por discursos que discriminam, de forma velada ou não, e que fazem parte da estrutura social.

A esse respeito, Rocha (2014) observa que, dentro dessa produção de discursos, as relações de dominação podem ser reafirmadas, porém, em seu caráter polifônico, a linguagem também é capaz de gerar enfrentamento,

na medida em que a palavra desempenha um papel de regulação/construção do vasto leque de relações que se estabelece entre os homens: relações de dominação, de enfrentamento, de definição de identidades, de produção de diferentes modos de subjetivação (ROCHA 2014, p. 623).

Considerando o gênero poesia slam a partir da perspectiva de linguagem por nós adotada, os textos que constituem *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), mais do que enunciar relatos de vivências e dores de mulheres, são produtores de sentido que intervêm nos mundos dos quais suas autoras e seus interlocutores fazem parte. Assim, essa antologia demonstra em seus versos as vivências de sujeitos historicamente discriminados com o propósito de transgredir as fronteiras de uma linguagem que se interliga com as relações desiguais de poder, lembrando que: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2012, p. 10). A poesia é materializada em expressões artísticas de autores como Carol Dall Farra, que (res)significam palavras, pessoas e acontecimentos do ponto de vista pertencente às vozes silenciadas pela experiência da dominação colonial.

Desse modo, dialogando com o que já expusemos, a perspectiva das mulheres negras ao produzir literatura se transforma em um canal fundamental

para remontar o imaginário do negro no cenário literário brasileiro. Segundo Dalcastagné (2012), em pesquisa que analisou o perfil dos romances brasileiros publicadas por três grandes editoras - Companhia das Letras, Record e Rocco - entre 1990 e 2014, há um alto grau de invisibilidade dessa população no que diz respeito aos personagens, dado que:

A personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não-branca. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca. E dois livros, sozinhos, respondem por mais de 20% das personagens negras (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 173).

Vale destacar que tal invisibilidade não se restringe aos personagens e perpassa um contexto mais amplo, visto que os autores dos romances em questão geralmente são homens, brancos e oriundos de um contexto social privilegiado. Esse cenário exemplifica o quanto o racismo institucional está presente no mercado editorial brasileiro, especialmente no âmbito de grandes editoras, que mantêm, até os dias de hoje, mecanismos de poder que tendem a promover produções literárias em que não estão envolvidos autores e personagens negros.

De acordo com Cuti, “os discursos (todos) passam pelo poder dizê-lo. O silêncio pertence à maioria que ouve e, quando muito, repete. Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também” (CUTI, 2010, p. 47). Nessa mesma linha de raciocínio, a escritora Conceição Evaristo afirmou em entrevista ao jornal *Correio Braziliense* que “escrever, publicar é um ato político” (2018). Sendo assim, para reverter esse quadro vigente no contexto literário brasileiro, torna-se fundamental o uso de estratégias alternativas. Por esse motivo, as vozes negras têm apresentado contra-narrativas, em diferentes espaços de publicação, propiciando a (re)construção da subjetividade dos

negros na literatura e na cultura brasileiras, subjetividade essa entendida como uma construção social e coletiva, conforme propõe Guattari. E se “a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos ‘matemas do Inconsciente’, mas também nas grandes máquinas sociais” (GUATTARI, 1992, p. 19-20), as narrativas negras podem ressignificar a imagem do negro no cenário literário do país, marcado historicamente por estigmas negativos, visto que,

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade, a representação do negro ficou restrita a certos estereótipos, entre os quais, aquele do negro dócil, castigado, submisso, ou por outro lado, bestial, instintivo, carnal, resultando num processo que substituiu a invisibilidade por uma visibilidade estereotipada (LOPEDE & KOVALSKI, 2014, p. 8).

Diante desse contexto de silenciamento na produção literária brasileira, atualmente as poesias slam têm sido uma alternativa viável para que as artistas negras e periféricas possam se expressar. Tal predileção por esse gênero discursivo se dá provavelmente pela facilidade de acesso às batalhas de poesia slam, levando em consideração a desigualdade de classes que acompanha essas mulheres no curso da história brasileira, como revelou a pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2018): no que tange ao mercado de trabalho, o índice de desemprego das mulheres negras é de 50%, devido à baixa escolaridade e falta de experiência profissional.

Com o propósito de uma breve contextualização, vale discorrer sobre o gênero slam, que surgiu em 1986 no Green Mill Jazz Club, bar situado em um bairro de classe trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos. Ele foi idealizado pelo poeta Mark Kelly Smith com o objetivo de popularizar a poesia falada em resposta aos ciclos acadêmicos em que ocorria o acesso a esse



gênero. Essa modalidade de poesia recebeu esse nome em referência ao mundo dos jogos de cartas e de esportes como tênis e golfe: “slam”- ou, mais propriamente, “grand slam” - refere-se à vitória de um mesmo jogador em uma sequência de torneios. Inicialmente, essa categoria de poesia funcionava como uma performance artística e logo ganhou o contorno de competição de palavra falada, que funciona como um jogo improvisado. Esse gênero chegou ao Brasil, primeiramente em São Paulo, trazido por Roberta Estrela D’Alva, que, ao lado de Tatiana Lohmann, dirigiu o documentário *Slam: a voz do levante*, vencedor do Festival do Rio e do Festival Internacional Mulheres no Cinema.

Atualmente, as edições do evento ocorrem em espaços públicos, sendo subdivididas em etapas, como relata Neves (2017, p. 102): “O slam é composto de três rodadas. Na primeira participam todos os poetas que se inscrevem, cinco vencedores vão para a segunda rodada e três competem na terceira”. E são adotadas três regras básicas: o poema deve ser autoral de até três minutos e não é permitido o uso de figurino, adereços e nem acompanhamento musical. As letras são avaliadas por um júri composto por 10 pessoas, escolhidas aleatoriamente na plateia, que devem utilizar uma pontuação de 0 a 10, como destacou Minchillo (2016, p. 137): “Os jurados, geralmente em número de cinco, são escolhidos no início do slam entre pessoas da audiência que, ao final da apresentação de cada poema, dão notas de 0.0 a 10.0”. Os vencedores da edição disputam o slam BR, que normalmente ocorre no final do ano, e o vencedor de todas as etapas representa o Brasil na Copa do Mundo de Slam, que acontece na França.

Especificamente no que diz respeito aos versos e rimas das slammers negras, eles refletem um acúmulo de saberes que dialogam com vivências da opressão por elas sofrida na sociedade brasileira. Esses saberes estão presentes na escrita dessas mulheres, em sua produção de literatura afro-brasileira. Para Duarte (2014), esse campo se caracteriza por apresentar o protagonismo de afrodescendentes, temas afro-brasileiros, construção discursiva e linguística

marcando a afro-brasilidade e um ponto de vista ideológico específico, bem como assumindo a afrodescendência e a formação de um público leitor, cuja formação consiste em um projeto da literatura produzida por negros e negras no Brasil (2014, p. 276): “A constituição desse público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro”.

Nesse campo literário, a escrita da mulher negra nasce de um corpo preto permeado pelas experiências, possibilidades e interdições que ela vivencia, imprimindo nas narrativas subjetividades de sujeitos que vivenciam o mundo a partir da história que carregam na cor da sua pele. Tal perspectiva culminou no que Conceição Evaristo definiu como *escrevivência*. Nas palavras da autora (2019), “a minha *escrevivência* e a *escrevivência* de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira”.

A vida das mulheres negras é atravessada por opressões de diversas ordens: de gênero, raça e classe, como pontuou Kimberlé Crenshaw (1991), mas, de acordo com ela, essas privações não podem ser pensadas de formas hierarquizadas e afastadas. Desse modo, a intelectual em questão cunhou o termo *interseccionalidade*. E, compactuando da mesma premissa, Angela Davis argumentou:

A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 2016, p. 13).

Lélia Gonzalez, por sua vez, criticou os efeitos do racismo e do sexismo que condicionam as mulheres negras a uma posição de subserviência: “Ali, falamos dessa dupla imagem da mulher negra de hoje: ‘mulata’ e ‘doméstica’.

Porém ali também emergiu a noção de mãe preta, colocada numa nova perspectiva. Mas ficamos por aí”. (GONZALEZ, 1984. p. 224). Diante dessa lógica, as mulheres negras vivenciam o que Grada Kilomba definiu como racismo genderizado, em que raça e gênero são indissociáveis (KILOMBA, 2019, p. 94): “A experiência envolve ambas porque construções racistas baseiam-se em construções de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de ‘raça’ e do racismo”. Considerando essa dinâmica sócio-racial, Vilma Piedade, com base no termo *sororidade*, desenvolveu o conceito de *dororidade*, enfatizando que “as mulheres negras são unidas por um histórico de dor no curso da história, cunhada por uma escravidão cujas marcas profundas ainda vivenciamos em pleno século XXI” (PIEADADE, 2017, p. 18).

Em face do que foi exposto, a escrita e a publicação das mulheres negras surgem de uma subjetividade marcada por suas vivências na sociedade brasileira. Na próxima seção, ampliaremos essa discussão a partir do gênero poesia slam, que entrelaça a literatura a diversas histórias da comunidade negra que contestam o silenciamento de suas vozes. A prática da poesia slam, em expansão entre os jovens negros, principalmente em contextos periféricos, se coloca em favor da emancipação das diferenças e pode ser compreendida como uma potência de subversão das imposições linguísticas, além de um microcosmo de resistência a um cenário de invisibilização e silenciamento.

### **3 MULHERES NEGRAS ENUNCIAM SUAS VIVÊNCIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA SLAM “NA PONTA DO ABISMO”**

Buscando dialogar de modo mais próximo com a literatura de resistência, optamos por destacar a luta pela significação das palavras. Tal escolha alinha-se à nossa proposta, uma vez que, se, como afirma Rocha (2006;

2014), as palavras significam dentro de uma dada formação discursiva<sup>5</sup>, iluminar discursos de grupos que em geral não são legitimados contribui para o fortalecimento de seus discursos e de novos modos de subjetivação, ao permitir a circulação desses novos sentidos produzidos. Afinal, como assevera o autor, “sempre se assistiu à mesclagem de saberes que se acumulam e se alteram, mas apenas recentemente se têm buscado contabilizar essas modificações em nome de uma formação discursiva” e, como pesquisadores, é nosso dever ético e político contrariar essa fórmula. Nesse sentido, alicerçadas na semântica global<sup>6</sup> – que não privilegia apenas um plano discursivo – iluminamos a enunciação da poeta Carol Dall Farra, bem como sua disputa por novas significações não só de palavras, mas da significação da vida e das lutas das mulheres negras no poema, por meio de marcas de pessoa, do léxico e da alteridade com o branco como opositor.

Iniciamos nossas análises ressaltando, mais uma vez, que as mulheres negras acumulam saberes que dialogam com vivências da opressão por elas sofrida na e pela sociedade brasileira. E tais experiências, geralmente silenciadas na maioria dos contextos sociais, vão encontrar espaço para serem representadas e proferidas no universo da poesia slam, conforme iremos ilustrar com o poema “Na ponta do abismo”, que reproduzimos em seguida:

---

<sup>5</sup>A noção, que representa um lugar central da articulação entre língua e discurso, é segundo Rocha (2014) “a posição sustentada pelo sujeito que enuncia. A dependência de uma formação discursiva com relação ao interdiscurso é, no entanto, dissimulada por intermédio da transparência do sentido que aí se produz, o que confere à forma-sujeito uma propriedade que lhe é constitutiva, a saber, o duplo esquecimento: esquecimento das determinações que lhe designam precisamente o lugar que ele ocupa e o esquecimento de que ele seleciona um enunciado (e não um outro) que já se encontra previsto no campo da formação discursiva considerada (forma de esquecimento que lhe confere a “liberdade” que lhe é possível alcançar)” (ROCHA, 2014, p. 621).

<sup>6</sup>A noção de semântica global tem como ponto de partida uma zona de regularidade semântica que implica regularidades globais às quais se submetem léxico, temática, modo de enunciação e de organização da comunidade que enuncia o discurso, e que, em cada formação discursiva delimitam critérios do que pode e não pode nela ser enunciado (MAINGUENEAU, 2005).

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta /Aguenta o infinito num corpo / que o grito socorro acusa suspeito/ não chora nem fala das mortes diárias /pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido: / - preta é firme! / Teu corpo foi alvo da falta de amor / teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu / quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza / por causa da cor / Mas preto é forte, sempre ouvi falar.../Mãe preta resiste / desde que não sabia o que era existir / Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego / dos atrasos da história que traçaram teu destino / Mãe preta que pariu no reboiço / e trouxe com muito ofício / outra preta que não sorriu / filha de Preta! / Que com a vida já traçada / me desfiz de tanta tralha / com grito de cansaço / entalado na garganta / e os bicos de diarista / entalado na minha herança / vi o mundo cortar com a foice / minha passagem pela infância / os homens que me olhavam / revestidos de ganância / e pra eles não importa / se trata-se de uma criança / de hiperssexualizar o hobby da vizinhança / dedos te apontaram ontem / hoje o cano te aponta / amanhã outro julgamento / julgando que se aguenta / tua cabeça um reboiço/ teu corpo cumpriu caprichos / tua mãe também passou por isso / e todas da tua família / tua avó bem que dizia: / - é uma praga feito sentença / eles dizem que a gente aguenta / mas vejo uma morte lenta / e pra cada abuso novo / um branco te orienta:/ - negra é forte, negra aguenta / tua vida nunca passou disso / nunca fugiu da sentença / com a força dos ancestrais / internalizou que aguenta / imaginou o chicote lento / na vértebra de um branco / e viu que a força é um detalhe / pra quem vive resistência. (DALL FARRA, 2019,, s/p)

Vejamos o primeiro fragmento:

#### Fragmento 1

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta /Aguenta o infinito num corpo / que o grito socorro acusa suspeito/ não chora nem fala das mortes diárias /pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido: / - preta é firme! .

No poema slam de Carol Dall Farra, vemos já na escolha do termo *abismo* um deslocamento – que nos remete à luta por ressignificar – de seu sentido

dicionarizado “precipício, profundeza, lugar escarpado, íngreme; despenhadeiro”, um diálogo explícito com as histórias daquelas que estão sempre no limite, na ponta desse abismo, por um lado, se equilibrando para viver com o pouco que lhes é possibilitado, numa vida que é marcada por negativas e ameaças de todos os níveis.

A imagem da mãe preta, que se repete ao longo do texto, remete-nos à conhecida figura de mulheres escravizadas que tantas vezes amamentaram e cuidaram de meninos brancos, e que, hoje, ainda se encontram na mesma condição de servidão:

lutam, atuam com solidariedade contra os patrões em alguns momentos e com disputas entre si em outros, sofrem estupros e outras violências, enfrentam acusações de furto, recorrem à fofoca, se ajudam, e também competem entre si. Lidam com noções de honra, fidelidade, gratidão, proteção, bondade, zelo e liberdade, entre outras, específicas daquela sociedade, e, ao fazê-lo, agem como classe, da mesma forma como seus patrões e patroas também o fazem (SAMPAIO, 2017, p. 334).

Ainda no nível lexical, compreendemos o uso do termo *batucar* - de origem banto, definido por Andrade (1953, p. 53) como “uma manifestação proveniente de Angola ou do Congo, normalmente praticada em roda, com dançarinos se alternando no centro” – como uma associação a uma dor ritmada, que se repete na vida da mãe preta, como apontam os seguintes versos:

#### Fragmento 2

Teu corpo foi alvo da falta de amor / teu peito batuca a dor de um  
dos filhos que ontem dormiu / quando na escura da noite um corpo  
fardado mirou sem certeza / por causa da cor

No poema em análise, é muito recorrente um embate entre um “nós”, mulheres negras, e um “eles”, sinalizado em todo o texto. “Eles” os que não amam essas mulheres; “eles”, corpos fardados que apontam canos. “Eles”, revestidos de ganância, que não dão arrego; que não deixam as mulheres negras sorrirem; que traçam suas vidas. “Eles” que, além de não se importarem com as crianças, as hiperssexualizam como hobby e cortam as infâncias com foices. “Eles” que julgam, sentenciam, orientam e insistem em afirmar que a mulher negra aguenta todo e qualquer tipo de dor e sofrimento, como retomaremos mais adiante.

Chamou-nos também a atenção a alternância de marcas de pessoa - ora a segunda e terceira pessoas, ora a primeira pessoa do discurso -, quando se fala da mulher negra. No trecho entre “Na ponta do abismo lá vai a mãe preta” e “outra preta que não sorriu / filha de Preta!””, a narrativa fala de alguém que não coincide com a autora, uma “mãe preta”, um “tu”. Todavia, a partir de “Que com a vida já traçada / me desfiz de tanta tralha” até “os homens que me olhavam / revestidos de ganância”, Dall Farra insere-se de forma explícita como um outro personagem que viveu essa história, como suas antepassadas. A filha preta que não sorriu. Com relação ao último fragmento do poema slam, o uso da segunda pessoa “tua”, “tu”, “te”, junto com a primeira pessoa do plural “a gente”, aliados à narrativa, não nos permitem asseverar de quem se fala, talvez apontando para uma história, uma vivência que é de todas. De qualquer forma, mesmo que essas vozes se alternem ao longo do texto, sempre apontam para uma mesma perspectiva: a da mulher negra, cujo corpo é marcado pela dor e está sempre “na ponta do abismo”, em diferentes gerações:

### Fragmento 3

tua mãe também passou por isso / e todas da tua família / tua avó  
bem que dizia: / - é uma praga feito sentença / eles dizem que a gente  
aguenta

A referida dor pode ser retomada por meio de diversos termos como *aguentar, não chorar, sem anestesia, resiste, calos calejados, grito de cansado entalado na garganta*, que nos permitem dizer que o slam se transformou em um canal pelo qual mulheres negras periféricas compartilham suas vivências marcadas por uma subjetividade construída, experimentada a partir da sua condição na sociedade brasileira, e que esses discursos passam a ser formas de intervenção no mundo, configurando-se como modos de (re)narrar o que sempre foi narrado a partir de um único ponto de vista: o branco. Também é interessante identificar diálogos que podemos estabelecer entre outro acontecimento muito contemporâneo e o texto de Dall Farra, que são os *White saviors* – nova modalidade de “engajamento social”, ou quem sabe de catequização, – que consiste em viagens realizadas por pessoas brancas à África, levando uma suposta ideia de civilização e obtendo autopromoção. Tal cenário pode ser percebido no texto nessa voz que reafirma a força inesgotável da mulher negra em um mecanismo de extrema opressão:

### Fragmento 4

e pra cada abuso novo / um branco te orienta:/ - negra é forte, negra  
aguenta

Não apenas o fragmento anterior do poema slam dialoga com o conceito de branquidade que legitima o branco e ponto; que, conforme Rachleff (2004, p.



100), “foi criada – e recriada – a partir de uma relação não com a cultura historicamente negra ou africana, ou afro-americana, mas com uma ‘cultura negra’ inventada a partir dos recalques, projeções, desejos e fantasias dos não-negros”. Na realidade, toda a narrativa se baseia na ideia de que o branco é quem sabe e de que a negra é quem aguenta. Não obstante ao que expusemos, nossas análises podem iluminar ao menos duas linhas de fuga à opressão sofrida por mulheres negras. A primeira é o fato de as mulheres negras já não apenas resistirem, uma vez que estão conscientes, agora, de sua existência, algo que é novo, que não pertence ao passado:

#### Fragmento 5

Mãe preta resiste / desde que não sabia o que era existir

Uma (re)existência que, além de ser a escrevivência da vida dessas mulheres, contribui para novos modos de produzir subjetividades a partir do momento em que essas poetisas se posicionam como mulheres negras:

#### Fragmento 6

imaginou o chicote lento / na vértebra de um branco / e viu que a  
força é um detalhe / pra quem vive resistência

A outra linha de fuga por nós identificada encerra o poema slam. Contrariando ideias equivocadas, mas, infelizmente recorrentes, que, definindo materialidades corporais para uma determinada raça, animalizam corpos e etiquetam como agressivas e violentas as mulheres negras, as últimas estrofes indicam uma rejeição à qualquer violência – que no máximo se restringe ao

campo do imaginário – além de uma certeza de que a força não é capaz de impedir essas novas escrevivências para quem vive e sempre viveu resistência e (re)existência.

Concluimos nossas análises reafirmando nossas apostas no poder de intervenção da linguagem e na potência das lutas por novos significados que requerem uma nova construção de mundo. Esse processo de mudança reivindica uma linguagem que esteja atenta às relações de poder presentes na sociedade, encontrando caminhos que não só regularizem, mas também questionem os universalismos impostos. Uma nova articulação da linguagem que abre espaço para que as vozes silenciadas de grupos marginalizados relatem suas experiências a fim de produzirem novas compreensões dessa realidade legitimada.

#### 4 CONCLUSÃO

Neste artigo apresentamos nossas reflexões acerca das narrativas negras que estão ocupando o cenário literário brasileiro, através da modalidade poesia slam. A partir da compreensão de linguagem-intervenção proposta por Rocha (2006; 2014), problematizamos as práticas languageiras como mecanismos de controle de uma classe hegemônica que detém o poder até da legitimação de enunciados, palavras e sentidos, por meio de uma hierarquização que define o que é legítimo e o que é ilegítimo, a partir de quem enuncia. Nossos esforços caminham no sentido de colocar em destaque a potência da linguagem como uma ação de escape das amarras que o discurso é capaz de produzir ao deslegitimar um grupo em favor de outro.

Nesse sentido, as produções das autoras negras corroboram para uma luta pelo significado das palavras (ROCHA, 2020) (re)significando as trajetórias dessas mulheres, como exemplifica a publicação da obra *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019). As vozes dessas poetisas slammers

escapam das mordidas da branquidade, projetando na sociedade brasileira escrevivências como o poema “Na ponta do abismo”, que denuncia as opressões sofridas pelas mulheres negras no curso da história e, ao protagonizar essas dores, desmonta o imaginário de que a população negra foi acrítica e aceitou passivamente a escravização e seus efeitos passivamente.

Finalmente, destacamos a poesia slam como um espaço de enunciação próprio dessas mulheres negras, por meio do qual podem construir, individualmente, as próprias narrativas, e, coletivamente, discursos de resistência, como uma forma de denúncia à opressão racial, social e de gênero sofrida por elas, opressão essa responsável pela "morte lenta" das mesmas, fundamental no contexto de um governo como o atual.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1929/1997.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITIUK, Rixanne (Orgs.). *The Public Nature of Private Violence*. New York: Routledge, 1994. p. 93-118.

CORREIO BRAZILIENSE. Conceição Evaristo: 'A literatura está nas mãos de homens brancos'. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna\\_diversao\\_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml99](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna_diversao_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml99). Acessado em 10/05/2020.

CUTI. Autocensura: “eu” negro X “tigre” do silêncio. In: CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 47-62.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um mapa de ausências. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DALL FARRA, Carol. Na ponta do abismo. In: DUARTE, Mel. (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberistica*, v. 37, p. 259-280. Veneza: Fondazione Università Ca' Foscari, 2014.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, Mel. (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 1, p. 223-244. Rio de Janeiro: Anpocs, 1984.

GUATTARI, Félix. *Caosmose. um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

IPEA. Jovens e mulheres negras são mais afetados pelo desemprego Disponível em:

[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34371&Itemid=9\\_9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34371&Itemid=9_9). Acessado em: 10/05/2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPEDE, Maria de Lourdes; KOVALSKI Josuel. A literatura e a imagem afro-brasileira. *Cadernos PDE*, v. 1, p. 2-18. Curitiba: Secretaria da Educação, 2014. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/produtoes\\_pde/2014/2014\\_unespar-uniaodavitoria\\_port\\_artigo\\_maria\\_de\\_lourdes\\_lopedote.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/produtoes_pde/2014/2014_unespar-uniaodavitoria_port_artigo_maria_de_lourdes_lopedote.pdf). Acessado em 10/05/2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, [2005] 2016

MINCHILLO, Carlos Cortez. Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 1, p. 127-151. Brasília: Editora UnB, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/898>. Acessado em 10/05/2020.

NEVES, Cyntia Agra de Brito. Slam: Letramentos literários de ao-no mundo contemporâneo. *Linha D'água*, v. 30, p. 92-112. São Paulo, Editora USP, 2017. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/147274>. Acessado em 10/05/2020.

NEXO JORNAL. Conceição Evaristo: “ A minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Disponível em: [RACHLEFF, Peter. “Branquidade”: seu lugar na historiografia da raça e da classe nos Estados Unidos. In: WARE, Vron \(Org.\). \*Branquidade: identidade branca e multiculturalismo\*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 97-114.](https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>.”. Acessado em 11/05/2020.</a></p></div><div data-bbox=)

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Resenha do livro *Nem mãe preta, nem negra fulô: histórias de trabalhadoras domésticas em Recife e Salvador (1870-1910)*, de Maciel Henrique Silva. Revista Brasileira de História. , v. 37, p. 333-337. São Paulo: ANPUH, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882017000200333](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000200333). Acessado em 11/05/2020.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.